**História do MARGS contada por Antonieta Barone**

Assumi, em 1971, o Departamento de Assuntos Culturais – DAC – que passou por outros nomes, o último a presidi-lo foi Paulo Xavier. Nós tínhamos 16 instituições subordinadas ao DAC – a Orquestra Sinfônica, os museus, a Biblioteca Pública, o Museu de Arte, as escolas de Arte.

Na época da criação do MARGS, eu pertencia ao Centro de Pesquisas Educacionais e lecionava no Instituto de Educação, no curso de Especialização para Professores. Antes de assumir a direção do Departamento de Assuntos Culturais, estive oito anos à frente do Departamento de Educação Artística, que tinha sido dirigido pelo meu irmão, Carlos Barone, violinista da OSPA, e englobava a dança, as artes plásticas, as manifestações culturais e a música. Depois passei para o Departamento de Assuntos Culturais, que precisou de uma grande reestruturação. O Departamento era como uma Secretaria de Cultura. Então, verifiquei o abandono das coisas do Estado e tratei de cuidar daquilo com o mesmo interesse com que cuidamos das coisas pessoais. É do governo, portanto, é do povo, e nós temos que resguardar.

Lembro que uma das primeiras galerias de arte em Porto Alegre foi a do Instituto Brasileiro Norte-Americano, que ficava no Edifício União, na Avenida Borges. Ali se faziam muitas exposições. O Instituto já está agora com 60 anos de existência e muitos de galeria. O próprio Museu, no início, serviu de galeria.

Confesso não ter uma idéia muito exata de qual foi o processo de criação do MARGS, naturalmente sentíamos falta de um Museu de Arte. Aproveitaram a extensão do foyer, mas ele não era adequado a um recinto de exposição. No princípio, o foyer tinha uma parte aberta, tudo roído... O que mais me preocupou, quando assumi e fizemos a mudança do Museu para a Salgado Filho, foi que parte do depósito de acervo era muito precária, inclusive chovia dentro e isso poderia deteriorar as obras. Não se podia nem pensar em climatização, tal qual existia nos grandes museus. Ali no teatro, além do inconveniente do espaço, havia o problema do horário, quando o teatro não abria, o funcionamento do Museu ficava comprometido.

Outra preocupação que eu tive, quando assumi, foi dar sedes autônomas para as diferentes instituições. O Arquivo Histórico, por exemplo, estava dentro de uma sala da Secretaria de Educação, sábados e domingos ficava fechado. À Escolinha de Artes também dei um palacete na Duque, esquina com o Alto da Bronze. Dei sedes próprias para seis instituições. Embora, às vezes, o espaço não fosse muito bom, com interesse e boa vontade as coisas podem ser superadas.

A Cultura sempre foi afetada por restrições financeiras. A função pública nos dá muitas oportunidades, mas também nos dá muitas restrições. Coisas que eu desejaria ter feito não foram possíveis. Nós só trabalhávamos com projetos, quantificando o assunto, especificando, vendo o cronograma de execução, recursos humanos e econômicos. Então,com isso, nunca tive problema de carência em certos aspectos, pois havia uma infra-estrutura bem organizada. Mas muita coisa não pude fazer. O momento não era oportuno. Por exemplo, eu gostaria de pôr em cada escola infantil um fonoaudiólogo.

Na época, faziam-se muitos levantamentos, tínhamos um painel com demarcações das atividades culturais do Estado, para não corrermos o risco de concentrá-las em um ponto só. De modo que tínhamos concertos de música, dança, que mandávamos para todo o Estado. Cada atividade era representada por uma cor de alfinete num enorme mapa do Rio Grande do Sul. Um mapa de leitura visual imediata. Eram 273 municípios, agora são 400 e tantos. Esses 273, todos, receberam atividades culturais. Claro que há municípios e cidades que têm mais recursos e por isso recebem mais, mas todos receberam mensagens culturais.Ter abrangido todo o Estado com a Cultura me satisfez muito.

No começo, não havia tantas exposições no MARGS como agora. O MARGS atual [2004] está num movimento que é uma beleza, há três exposições importantes – Rodin,Bisonte e Coração do Brasil – é um desenvolvimento muito grande. E a minha ligação com o MARGS não é só funcional, é afetiva. Foi na nossa administração que se conseguiu a cessão do edifício da Delegacia Fiscal para o fim específico de instalar o Museu ali. Foi com Delfim Neto e Médici que conseguimos. Nosso projeto inicial era fazer da Praça da Alfândega um centro cultural, abrangendo o MARGS, o edifício dos Correios e Telégrafos – que agora é o Memorial – e o prédio onde agora é o Santander Cultural. Três grandes edifícios que formariam um centro cultural, abrangendo todos os aspectos, talvez até a Biblioteca Pública passasse para ali e o antigo prédio teria outra finalidade, como concertos. Mas não pudemos fazer isso, não houve cessão dos outros prédios. Então, não tenho muitas lembranças de como foi criado o MARGS. Claro, começou com Ado Malagoli, as se houve discussão pública não tenho idéia.

Já não existia mais o Cotillon Clube, um lugar muito elegante; foi para ali que, em 1973, transferimos a sede do Museu. Ali ficou muito melhor instalado, possuía uma sede autônoma. Já tínhamos um salão para exposições, uma sala para administração e um espaço para o acervo – com prateleiras de madeira feitas na ocasião para resguardar todos os quadros em um lugar seco e limpo. Na ocasião, a Salgado Filho era uma rua elegante, residencial. Não havia terminal de ônibus. Mas quando nós ali instalamos o MARGS, já tínhamos a expectativa de conseguir o edifício atual, então a permanência no Cotillon também era provisória. Pagava-se aluguel, mas funcionava melhor – independência de horários, um lugar limpo, arejado, primeiro andar, não havia dificuldade de acesso. Mas sempre houve a intenção de que fosse provisório.

No Museu, eram expostas, preferencialmente, pinturas e esculturas. Quando mudamos para a Salgado Filho, eu recebi um comunicado do Consulado dos Estados Unidos, me oferecendo uma exposição de dois artistas norte-americanos que iriam estar de passagem por três dias no Sul. Aqueles quadros me impressionaram, um deles era todo feito de camisinhas justapostas, um pouco de mau-gosto, enfim, coisas de americano. Mas sempre gostei da diversidade das coisas.

Lembro-me de ter feito uma exposição de fotografias e fui censurada, porque isso não era considerado coisa de museu. Por que não? Fotografia não é só apertar um botãozinho – o fotógrafo ou é artista ou é apertador de botão. O artista colhe os aspectos humanos, as luzes da paisagem, é uma pessoa que tem um olhar crítico para bater uma foto. Então fizemos essa exposição com um concurso entre amadores e profissionais. Quem ganhou o concurso foi Leonid Streliaev; acho que ainda não era profissional. Outro destaque, em 1972, foi a Bienal Infanto-juvenil de Artes Plásticas, incluída nas comemorações do Sesquicentenário da Independência.

A Delegacia Fiscal estava construindo sua nova sede própria, mas custou a se mudar. Embora a antiga sede já estivesse cedida para o Estado, eles só se mudaram em 78; quer dizer, ficamos de 73 a 78 na Salgado Filho. Não fui convidada para a inauguração da nova sede do MARGS, mas depois eu visitei. A minha impressão não podia ter sido melhor, porque eu já estivera na casa para fazer um balanço da distribuição; sala para isso, sala para aquilo, tudo como está agora. Eu tinha consciência da disponibilidade da casa para oferecer crescimento, como ofereceu. Então, o Museu ganhou maior visibilidade e espaço. Evidentemente, só a possibilidade de expandir-se fisicamente já foi um fator para crescer também culturalmente. Penso que a qualidade provocou a quantidade. A qualidade de poder oferecer espaços para cursos e para exposições diferenciadas, como agora, provoca muito mais. Nas vezes em que tenho ido ao Museu, tenho notado muita gente.

Uma coisa de que me lembro, pela abrangência, foi a exposição do Museu Didacta. Nós entramos em contato com a companhia editora da Coleção Didacta, que continha desde a arte primitiva, passando por todas as fases das artes plásticas, da escultura e da pintura. O Departamento adquiriu sete coleções, que foram colocadas nas Delegacias de Educação para percorrerem as escolas. Nós chamamos os representantes das Delegacias e ministramos um curso, no MARGS, com a exposição dos livros. E os professores vieram de todo o interior. Acho que isso se pode dizer que foi um fato marcante, pois a função do Museu Didacta era exatamente mostrar uma perspectiva de toda a evolução da arte, desde a pré-história até a contemporânea.

Tudo o que fiz foi sem alarde, sem propaganda, sem muito fotógrafo. Importante era o evento, muita coisa não ia para os jornais, mas a gente divulgava, difundia para todos os setores que eram afetados.

Sempre tive formação cultural. Meu pai gostava muito de ler, tinha muitos livros, e a minha mãe era uma pessoa interessada em música. Nós éramos pequenos e ela nos levava aos concertos, mas antes de sair, uma recomendação: “Primeiro vão ao banheiro, querem tomar água, tomem água; não se fala durante a execução, não se mexe na cadeira, nem se bate palma fora do tempo, tem que se escutar em silêncio”. Hoje eu vejo que deixam as crianças correrem para lá e para cá dentro da Catedral. A educação tem que dar limites, preparar o indivíduo para viver em sociedade, em harmonia, e não em conflito. Isso tudo demanda uma formação desde os primeiros anos.

Eu cheguei a fazer o curso básico de piano no Instituto de Artes, e o meu irmão Carlos começou com sete anos a estudar violino e se tornou o maior violinista de sua época. Então, eu já estava ligada à música e estimulei muito, na minha administração, os concertos educativos para a juventude. O repertório era adequado aos jovens. Passei para as direções das escolas a responsabilidade de reavivar com as empresas contratadas para trazerem o ônibus meia hora antes da saída para o concerto. Solicitei às direções de escolas que as professoras que acompanhavam os alunos se sentassem junto a eles, para dar-lhes a devida assistência. Deu um resultado muito bom! Mas tudo isso é fruto de um trabalho persistente e consciente, porque eu sempre valorizei, muito, a música; sem a música o mundo não existe. Fazia-se tudo, sempre, com colaboração, nada se faz sozinho. Eu tenho uma idéia, mas ela flutua e só se concretiza na ação, que só pode ser feita com a participação de várias pessoas: um melhora, outro modifica e assim se chega a uma conclusão.

\* Professora e ex- diretora do Departamento de Assuntos Culturais da SEC